

que flutuaram num nível imediatamente superior à megafauna que nos interessa e as idades obtidas são ao redor de 22 e 23000 anos BP.

Referência:

VILHENA VIALOU, A. e VIALOU, D. , 1989 - "Abrigo Pré-histórico Santa Elina, Mato Grosso; habitats e Arte Rupestre", in Revista do Instituto de Pré-História da USP.

Informe 2

O Grande Louvre

Marie-Inès Correia de Novaes

Universidade de Paris III - Sorbonne Nouvelle, France.

A abertura do Grande Louvre comemora o segundo centenário do Museu, que data da Revolução Francesa. Ao mesmo tempo, completa-se um plano de construção que remonta ao tempo dos reis, na época do Renascimento (séculos XVI, XVIII...). Mas o Louvre é bem mais antigo: no início, tratava-se de uma fortaleza construída por ordem do rei Filipe Augusto, no século XII.

Na França, antes de construir ou reformar, são obrigatórias as escavações arqueológicas. Ora, se seguirmos a progressão delas no sítio do Louvre, compreenderemos a história da ocupação do solo e das construções sucessivas. As escavações seguiram uma direção leste-oeste: começaram na Cour Carrée (onde revelaram a fortaleza medieval), prosseguiram na Cour Napoléon e depois foram feitas ao redor do Arco do Triunfo do Carrousel.

Se quisermos acompanhar a ordem cronológica da presença humana no local, deveremos começar pela terceira etapa das escavações. Isso porque os arqueólogos encontraram, ao sudoeste do Arco do Triunfo do Carrousel, vestígios de ocupação neolítica: muitos cacos de cerâmica e artefatos de pedra. Avançando no tempo, podemos falar da presença humana durante a Idade Média, porque as escavações na Cour Napoléon revelaram a existência de uma pequena propriedade agrícola, e no fundo do que tinha sido uma lagoazinha encontraram-se esqueletos de

animais domésticos.¹ Quando o rei Filipe Augusto, no final do século XII, decidiu construir uma fortaleza no sítio do Louvre, fê-lo fora das muralhas da cidade, que não chegava ainda até lá. Destinava-se à defesa de Paris e chamava-se Grosse Tour (Torreão). Estudada durante as escavações de 1984-1986, verificou-se que era um cilindro de 15 metros de diâmetro (e provavelmente 30 metros de altura), rodeado por um sistema defensivo de 78 metros de comprimento por 72, ladeado por dez torres. Hoje pode-se visitar o embasamento da fortaleza, porque as construções posteriores não o destruíram. No final do século XIII, o rei Filipe, o Belo fez transferir para a fortaleza o tesouro real. No século seguinte, a cidade atingiu o Louvre; o rei Carlos V mandou construir nova muralha e a fortaleza ficou dentro da mesma. Pela primeira vez, a cidadela foi transformada em residência real; uma das torres exteriores tornou-se a biblioteca real: estava assim constituído o primeiro fundo que iria dar origem à Biblioteca Nacional da França. A muralha de Carlos V foi encontrada ligeiramente ao oeste do

¹ É normal não terem sido encontrados vestígios gauleses nem galo-romanos, porque os primeiros ocuparam essencialmente a atual Île de la Cité e os segundos pouco estenderam-se na margem direita do Sena - por ser alagadiça - e preferiram a margem esquerda. A cidade medieval é, no início, menor que a galo-romana; por causa das invasões bárbaras, a população refugiou-se na Île de la Cité, mais fácil de ser defendida. Posteriormente, voltou a ocupar a margem esquerda, antes de desenvolver a direita.

sítio neolítico, durante a terceira etapa das escavações do Louvre. O fosso, que mede 29 metros de largura, e os dois muros que o ladeiam podem ser vistos sob o Arco do Triunfo do Carrousel, na Galeria comercial do Louvre. Avançando ainda mais para o oeste, as escavações revelaram a existência de fornos de olarias, dentre as quais as de Bernard de Palissy, onde o célebre ceramista do século XVI fez suas experiências (que podem ser reconstituídas, pois encontraram-se estoques de seus ateliês).

No século XVI, o rei Francisco I resolveu transformar a fortaleza em palácio, mandando derrubar o Torreão em 1528. Para hospedar o imperador Carlos Quinto, em 1540, o rei fez reabilitar o edifício. Mas a grande reforma começou em 1546, sob a direção do arquiteto Pierre Lescot, conservando as mesmas fundações medievais. Após o falecimento do rei, seu filho Henrique II e seus netos conservaram o mesmo arquiteto. Auxiliado pelo escultor Jean Goujon, construiu uma fachada na Cour Carrée, que é uma exaltação ao poder monárquico, ao mesmo tempo em que manifesta o gosto e os ideais do Renascimento. Foi construída também outra fachada, conservando-se duas alas do quadrilátero medieval. De 1564 a 1572, o arquiteto Philibert de l'Orme construiu para a rainha Catarina de Médicis (viúva de Francisco I) o Palácio das Tuileries, no extremo leste do sítio. Entre este palácio e o Louvre o espaço era ocupado por um bairro inteiro. Porém, ao leste das Tuileries, foi formado um jardim, que deveria durar até hoje. Isso permitiu a perfeita conservação dos vestígios das ocupações precedentes.

Após as guerras de religião², o novo rei Henrique IV foi o pacificador e o reconstrutor. Os dois palácios (Louvre e Tuileries) estavam abandonados. Henrique IV concebeu então o "Grande Projeto"³ de demolição completa da velha fortaleza e transferência do bairro que separava os dois palácios, que seriam em seguida reunidos. Mas só a Grande

Galeria, que dá para o rio Sena, foi construída; o rei instalou aí suas coleções, o que pode ser considerado como o início do futuro museu. Além disso, Henrique IV alojou no palácio artistas e artesãos (por exemplo, os tapeceiros deveriam ficar aí até a criação dos Gobelins, em 1671). O filho deste rei, Luís XIII, continuará os trabalhos: o grande pintor Nicolas Poussin, chamado de Roma onde se encontrava, virá decorar a Grande Galeria. Uma terceira parte da fortaleza medieval será demolida e o arquiteto Lemercier construirá uma nova ala. A seguir, o rei Luís XIV retoma o Grande Projeto e o arquiteto Le Vau é encarregado de demolir os restos da fortaleza, completando o quadrado da Cour Carrée. Mais tarde, porém, o rei investirá todas as suas forças na construção de Versailles, para onde será transferida a cômte.

A Revolução Francesa trará de volta o rei para a capital: Luís XVI e sua família vão habitar as Tuileries. No mesmo palácio⁴, instalam-se as instâncias dirigentes da Revolução. Por iniciativa dos revolucionários, é criado o Museu propriamente dito: no dia 10 de agosto de 1793 o público pôde visitar as antigas coleções reais. Posteriormente, haverá profundas mudanças políticas, como o primeiro e o segundo impérios - entremeados pela Restauração dos Bourbons -, e o Louvre volta a ser palácio real e imperial, mas a parte destinada ao Museu permanece. As coleções foram sendo enriquecidas e o Grande Projeto de construção foi prosseguido pelos dois imperadores.

Em plena República, e no século XIX, uma parte da administração (o Ministério das Finanças) continuava no Louvre e as coleções não podiam ser mostradas a contento. Tornou-se necessário um projeto que permitisse o pleno aproveitamento do palácio para o Museu. Foi resolvido o problema pela decisão do presidente François Mitterrand e de seu governo: mudou-se o ministério e o arquiteto sino-americano Ieoh Ming Pei foi encarregado de realizar o projeto do Grande Louvre. Um dos grandes

² Entre católicos e protestantes, com o massacre destes.

³ Grand Dessain.

⁴ Danificado durante a Comuna (1870) e depois demolido.

problemas era a comunicação entre as diferentes alas do palácio; o arquiteto encontrou a solução abrindo o Hall Napoléon, por baixo da Cour do mesmo nome. Para que a iluminação fosse feita por luz natural, Pei imaginou uma pirâmide de vidro⁵. Entrando por aí, uma escada helicoidal criada por Pei dirige o visitante para o Hall Napoléon, onde encontra, ao lado da escada, o centro de informações; a partir deste Hall, quatro direções são possíveis: Sully (a leste), Richelieu (ao norte) e Denon (ao sul); se o visitante for para o oeste, encontrará o Hall Charles V, com as muralhas do século XIV e o centro comercial⁶.

O Louvre tem sete departamentos: antigüidades orientais; antigüidades egípcias; antigüidades gregas, etruscas e romanas; pinturas; esculturas; objetos de arte; artes gráficas. Os sete departamentos estão distribuídos nas três regiões (Sully, Denon e Richelieu), que correspondem às alas do Museu. A grande novidade é a ala Richelieu, totalmente nova; seus pátios (cours) foram recobertos por vidraças. O efeito é magnífico: os quatro andares da ala Richelieu são iluminados por luz natural e dos andares pode-se ver os pátios (Marly, Puget e Khorsabad)⁷, com suas esculturas colossais.

A ala Richelieu foi construída de 1854 a 1857, pelos arquitetos Visconti e

Lefuel. Os apartamentos suntuosos localizavam-se apenas nas faces sul e oeste da atual Cour Marly, enquanto que "a maior parte do edifício era constituído por sobrelojas e dividido em escritórios de dimensões modestas".⁸ Isso permitiu ao arquiteto Pei remodelar com uma certa liberdade o interior da ala Richelieu. No entanto, "foram escrupulosamente conservados os elementos monumentais e decorados - os salões Napoléon III, naturalmente, mas também as grandes escadarias, as fachadas dos pátios internos, os telhados ornamentados (...)".⁹ As fachadas foram todas restauradas. Isso tudo foi feito segundo as técnicas mais modernas, com a preocupação de preservar o passado e deixar amplas possibilidades de alterações futuras, se necessárias. Em suma, a abertura do novo setor possibilitou a "redistribuição da totalidade das coleções nas três alas (Denon, Sully e Richelieu) em função das possibilidades oferecidas pelos novos espaços".¹⁰ Por essa razão, as pinturas estão no último andar, devido às vidraças, que permitem iluminação natural pelo zênite. Os objetos de arte estão junto aos apartamentos de Napoléon III. Objetos frágeis, como miniaturas e tecidos da arte islâmica, estão em locais dotados de luz artificial.

Um exemplo do excelente aproveitamento dos novos espaços é dado pela sala Rubens. Ela apresenta as 24 alegorias pintadas por Rubens (de 1621 a 1625), sobre a vida de Maria de Médicis. Antes, na ala Denon, estavam expostos apenas 19 quadros. O arquiteto, aconselhado pelos conservadores do Museu, construiu especialmente esta sala. Ela está integrada ao circuito das escolas de pintura do Norte (Flandres, Holanda e Alemanha).

Dentro desse circuito, não podemos deixar de assinalar a presença de sete quadros do pintor holandês Frans Post. Pertencem à coleção do rei Luís XIV, a quem foram doados diretamente pelo príncipe Maurício de Nassau, ao

⁵ A pirâmide tem 21,64 metros de altura e 35,40 metros na base de cada lado; 95 hastes de aço sustentam 75 losangos e 118 triângulos de vidro.

⁶ As três regiões do Museu têm os nomes de dois ministros (Sully, ministro das Finanças de Henrique IV e Richelieu, ministro de Luís XIII), e Denon, primeiro diretor do Museu Central das Artes, nome do Museu no tempo de Napoleão Bonaparte.

⁷ Os nomes dos pátios foram escolhidos de acordo com as esculturas apresentadas: Marly era um castelo construído no tempo de Luís XIV; Pierre Puget, escultor da época do mesmo rei; Khorsabad é o nome de um sítio arqueológico do Iraque, onde foram encontradas preciosas ruínas assírias. Na Cour Marly estão esculturas do antigo castelo do mesmo nome, como por exemplo os famosos cavalos que durante muitos anos estiveram na Avenida dos Champs-Élysées (onde agora estão réplicas). Na Cour Puget encontram-se as esculturas francesas do século XVII ao XIX. Na Cour Khorsabad estão as estátuas do palácio de Sargão II.

⁸ *Revue du Louvre*, ns. 5/6 - 1993, p. 13 (nossa tradução).

⁹ *ibidem*, p. 14.

¹⁰ *ibidem*, p. 5.

voltar do Brasil para a Holanda. Três desses quadros estão na sala 30, de onde vê-se bem a Cour Marly; são os seguintes: "Casa de um nobre português no Brasil"; "Uma residência de fazendeiros perto do rio Paraíba, no Brasil"; "A povoação de Serinhaem, no Brasil".¹¹ Na sala 29 estão os quadros seguintes: "Antigo forte português dos Três Reis Magos, perto do Rio Grande, no Brasil"; "O rio São Francisco e o Forte Maurício, no Brasil"¹²; "O carro de bois. Paisagem brasileira"; "Paisagem nos arredores de Porto Calvo, no Brasil".

Haveria ainda muitíssimos aspectos dignos de serem assinalados. Por exemplo: os luxuosos apartamentos de Napoléon III, a sala Rembrandt, o Studiolo de Urbino, ou o Tesouro de Saint-Denis, com a águia de Suger e a estátua equestre de Carlos Magno. Antes de terminar, gostaríamos de citar a notável Cour Khorsabad. Ela apresenta uma reconstituição de elementos do palácio do rei assírio Sargão II (século VIII a.C.), encontrado durante as escavações de 1843, feitas em Khorsabad por Paul-Emile Botta. Estão reconstituídas, por exemplo, uma porta da cidade e a decoração das paredes do palácio do rei. Dois gênios protetores em forma de touros alados com cabeça humana enquadram a porta. Um gênio de quatro asas segue um dos touros. Ao redor da porta está colocada a frisa dos servidores do rei. Na sala de trás (do outro lado da porta) estão fragmentos vindos de diversas partes do palácio de Sargão II. Todo o conjunto evoca a construção assíria da maneira a mais fiel possível, em relação à realidade arqueológica. Assim, "o público vê-se frente a frente com as criaturas mitológicas, numa relação idêntica de visão à da época assíria".¹³ Este conjunto insere-se em outro, mais amplo, das civilizações mesopotâmicas (Sumer, Mari, Babilônia), da Anatólia e Síria do Norte (Capadócia, Hititas), do Irã e do

Levante (Chipre, Palestina, litoral sírio-fenício e interior da Síria).

Toda essa redistribuição, graças à nova ala Richelieu, permitiu um considerável aumento de espaço - para as coleções egípcias, por exemplo. Vastos setores da ala Denon poderão agora ser utilizados para exposições temporárias, para os ateliês de restauração e para a Escola do Louvre. Dessa forma, atinge-se a plena expansão do antigo palácio dos reis e imperadores e do Museu ideado pelos revolucionários de 1789, e realizado por gerações de arquitetos, artistas, pesquisadores e conservadores.

Bibliografia

- Archeologia*, n. 296, dezembro de 1993.
BOULOT, Catherine *et alii* - *Destination Louvre. Sully. Richelieu. Denon.*, Paris, Service Culturel du Musée du Louvre, coleção "Louvre - chercheurs d'art", 1993.
Revue du Louvre, ns. 5/6, dezembro de 1993, ano XLIII - "Bicentenaire du Louvre. L'ouverture de l'aile Richelieu": LEBRAT, Jean - "L'aile Richelieu: le point de vue du président de l'Etablissement Public du Grand Louvre", pp. 12-17; LACLOTTE, Michel - "l'aile Richelieu. Du Ministère des Finances au Musée du Louvre", pp. 5-11.
BRESC, Geneviève - *Mémoires du Louvre*, Paris, Découvertes Gallimard/ Réunion des Musées Nationaux, col. "Mémoire des lieux".

Ilustrações

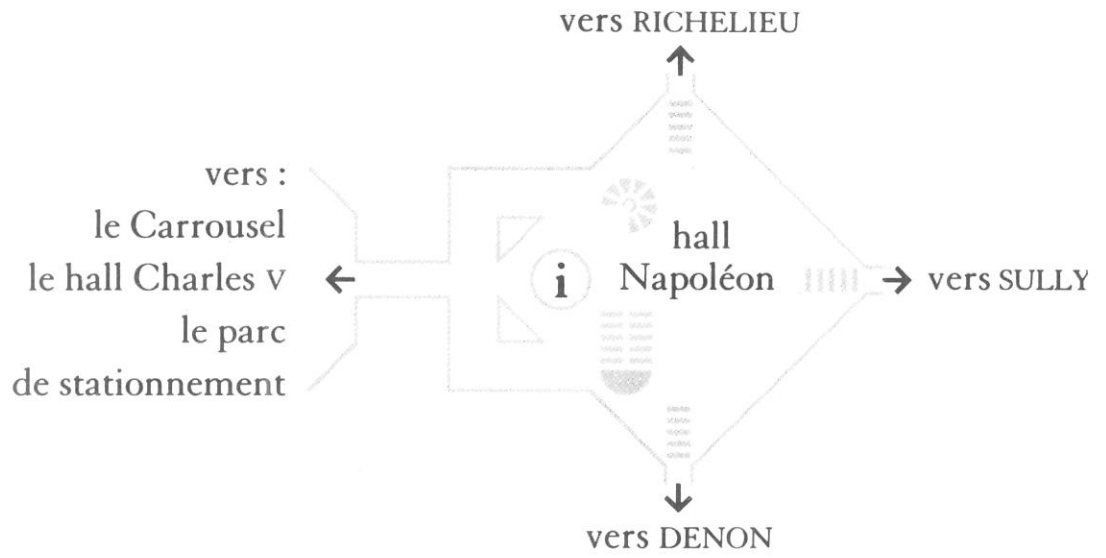
Fig. 01 - As regiões (a partir da pirâmide) do novo Museu do Louvre

Fig. 02 - Esquema das divisões e das salas

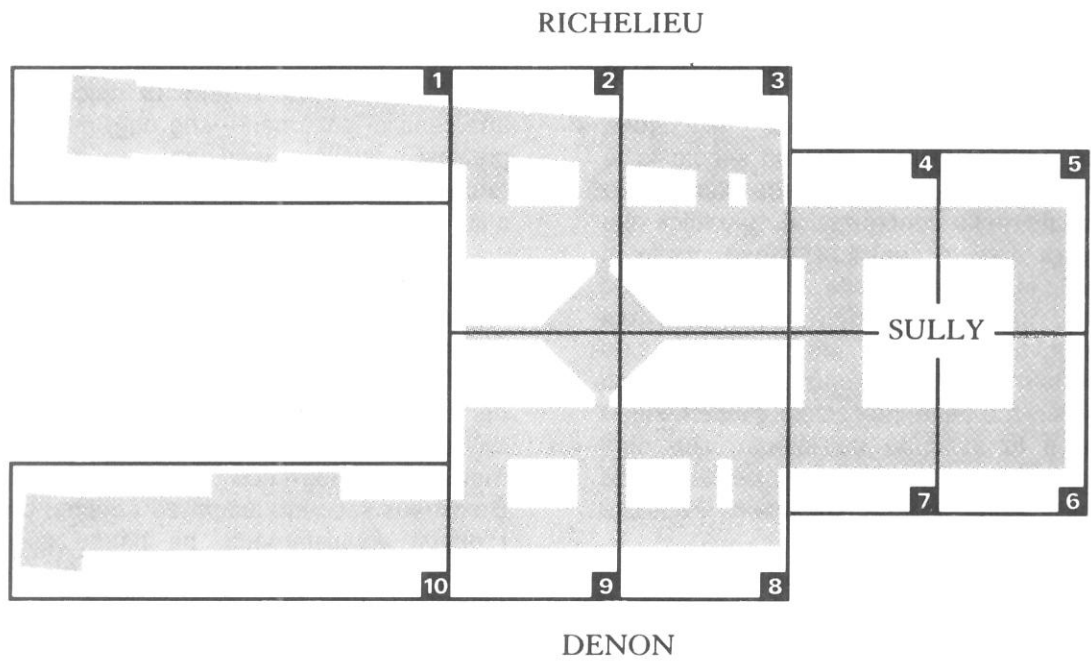
¹¹ Neste quadro, à esquerda, embaixo, vêem-se um tatu e um tamanduá.

¹² Em primeiro plano, à esquerda, vê-se uma paca.

¹³ *Revue du Louvre*, ns. 5/6 - 1993, p.29.



1



2